

CRER PARA COMPREENDER

Uma festa no inverno

A rededicação do Templo em 1 Macabeus, as lendas do fogo e do azeite e o santificado e enviado de João 10:36

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-005

IV O fogo de Neemias

V Luzes, penso eu

VI Um só frasco de azeite

VII Jesus celebrou?

VIII Até quando nos tiras a alma

IX Santificado e enviado

X Uma festa no inverno deste mundo

Capítulo I

Um pórtico no inverno

Num dia de inverno, no pórtico coberto que corria pelo lado leste do Templo de Jerusalém, um grupo de homens cercou Jesus e lhe pediu que dissesse de uma vez se era o Cristo. Era a festa da Dedicação, uma festa que a Lei de Moisés não manda celebrar. João conta o cenário em duas linhas, e quase toda pergunta deste fascículo nasce delas.

João 10:22–23

Ἐγένετο τότε τὰ ἐγκαίνια ἐν τοῖς Ἱεροσολύμοις· χειμὼν ἦν, καὶ περιεπάτει ὁ Ἰησοῦς ἐν τῷ ἱερῷ ἐν τῇ στοᾷ τοῦ Σολομῶνος.

"Aconteceu então a festa da Dedicação em Jerusalém. Era inverno, e Jesus andava no templo, no pórtico de Salomão."

O nome grego da festa, *ta enkaínia*, "a inauguração", só aparece aqui no Novo Testamento. É a palavra que a Bíblia grega usa para as dedicações, como a do Segundo Templo, quando os que voltaram do exílio "fizeram a dedicação da casa de Deus com alegria" (Esdras 6:16–17). Em hebraico, a palavra é *hanukkah*, do verbo *hanakh*, "inaugurar", o mesmo que o Deuteronômio usa para a casa nova que o dono ainda não estreou.[1]



Jesus, de manto branco, caminha sob a colunata do pórtico de Salomão conversando com um discípulo, enquanto homens sentados entre as colunas o observam e cochicham: a cena de João 10:23, na festa da Dedicação. James Tissot, Jesus anda no pórtico de Salomão, 1886–1894, aquarela, Brooklyn Museum, 00.159.177 (domínio público).

James Tissot, Jesus anda no pórtico de Salomão, 1886–1894, aquarela, Brooklyn Museum, 00.159.177 (domínio público)

Três nomes para uma festa

No século I d.C., a mesma festa tinha pelo menos três nomes. Hanukkah, "Dedicação", na lista aramaica dos dias de festa chamada Megillat Ta'anit; Enkainia, também "Dedicação", em grego, no Evangelho de João; e Phōta, "Luzes", em Josefo. Antes deles, 1 Macabeus dizia "a dedicação do altar", e 2 Macabeus, "a purificação" e "as Tendas do mês de Kislev".

O verbo da festa volta uma vez no Novo Testamento, e para Cristo: Hebreus, no trecho do véu que o fascículo sobre Pompeu no Santo dos Santos leu, fala do "caminho novo e vivo que ele nos inaugurou através do véu, isto é, da sua carne", com o verbo da Dedicação. A ponte é deste fascículo; nada indica que o autor pensasse na festa de Kislev.[2]

O pórtico de Salomão

O pórtico ficava no pátio de fora, o grande recinto aberto também a quem não era judeu, que o fascículo sobre a pedra do Templo percorreu até a balaustrada e as placas de advertência.[3] Josefo, sacerdote de Jerusalém que escreveu as *Antiguidades judaicas* em Roma, depois da queda do Templo, descreve esse "pórtico oriental".

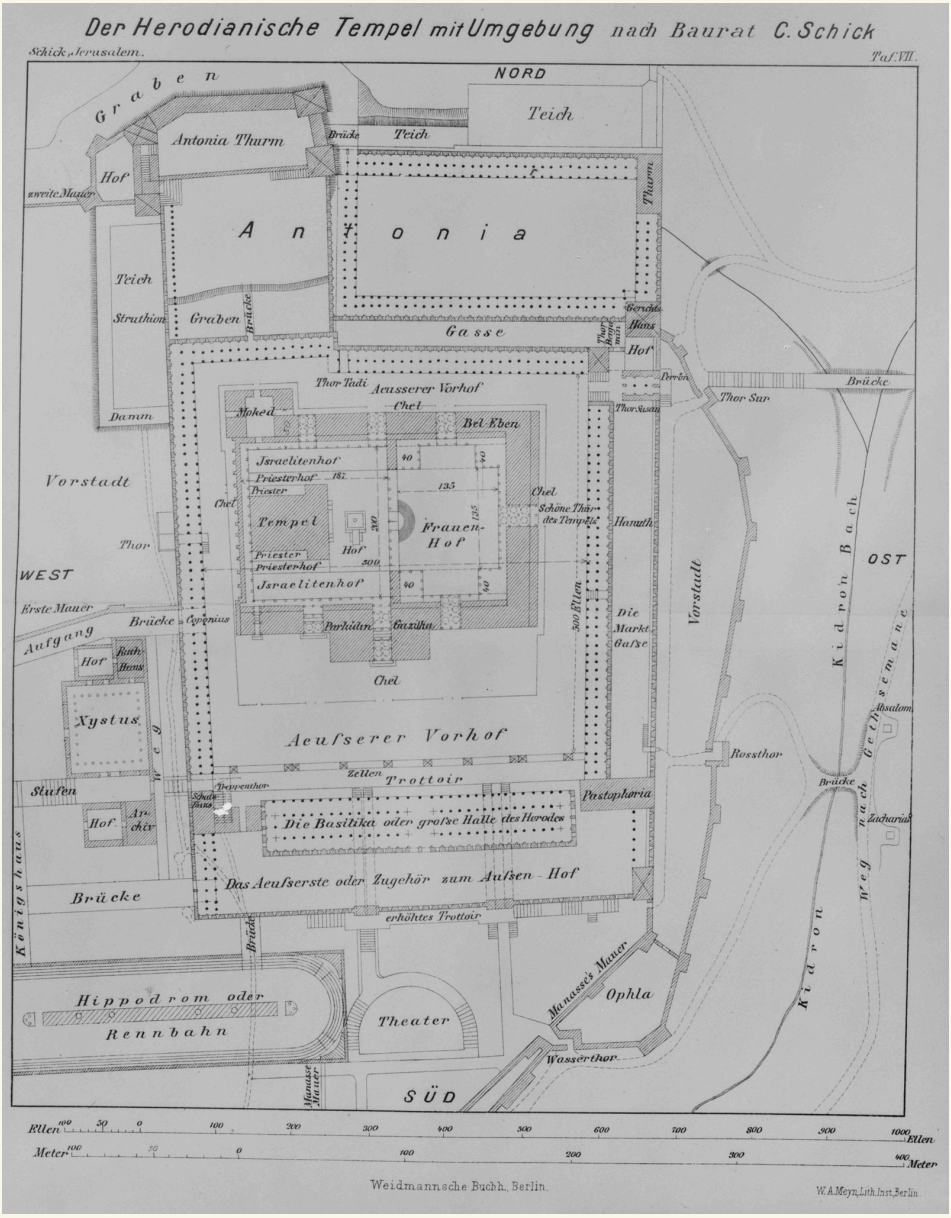


"'O pórtico era do recinto exterior, e ficava sobre um vale profundo; tinha muros de quatrocentos côvados, construídos de pedra quadrada e muito branca, cada pedra com vinte côvados de comprimento e seis de altura; obra do rei Salomão, o primeiro que construiu todo o santuário.'"

Josefo, *Antiguidades judaicas* 20.221

Na *Guerra judaica*, Josefo descreve os pórticos do seu tempo, duplos, com colunas inteiriças de mármore branquíssimo e teto de cedro.[4] Que o pórtico fosse mesmo de Salomão é tradição, e não fato: os arqueólogos discutem a idade da parte antiga do muro oriental. Foi ali que, depois da Páscoa, a multidão correu para Pedro e João, e ali os apóstolos se reuniam "todos unânimes" (Atos 3:11; 5:12).

O Templo em volta era um canteiro de obras. Herodes começou a reconstrução por volta de 20 a.C., e no tempo de Jesus diziam que o santuário estava sendo edificado havia "quarenta e seis anos" (João 2:20).[5] Naquele inverno, Jesus andava num Templo de Herodes construído em volta do santuário que os Macabeus tinham purificado uns cento e noventa anos antes. Um cuidado com a imagem: não há notícia de candelabros acesos nos pátios em Hanukkah; os grandes candelabros de ouro do Pátio das Mulheres eram da festa das Tendas.



Planta do Templo de Herodes e arredores segundo o arquiteto Conrad Schick: a fortaleza Antônia ao norte, o santuário e o Pátio das Mulheres no centro, o grande pátio externo cercado de colunatas e, a leste, sobre o vale do Cedrom, a colunata que corresponde ao pórtico de Salomão. Planta publicada em 1896; fotografia da coleção G. Eric e Edith Matson, Library of Congress, matpc.04265 (domínio público).

Conrad Schick, planta do Templo de Herodes, 1896; fotografia da coleção G. Eric e Edith Matson, Library of Congress, matpc.04265 (domínio público)

"Era inverno"

O dia 25 de Kislev cai entre novembro e dezembro, no começo das chuvas e do frio de Jerusalém, e a palavra de João, *cheimṓn*, quer dizer "inverno" e também "mau tempo". Por que João anota isso, ele não diz: pode ser para explicar o pórtico coberto, ou para leitores que não sabiam quando caía a festa. Agostinho leu mais longe: "era inverno, e eles estavam frios, porque tardavam em se aproximar daquele fogo divino".[6] A leitura simbólica é dele, não do texto. Também não se sabe o ano: conforme a data da crucificação, é a Hanukkah de 29 ou a de 32 d.C.

O que João diz e o que não diz

Para as Tendas, três capítulos antes, João diz que Jesus "subiu" a Jerusalém e ensinou no Templo (7:10, 14). Para a Dedicação, não há subida: a festa "aconteceu", era inverno, e Jesus "andava", *periepátei*, no pórtico. João não diz que ele subiu "para a festa", nem que ofereceu sacrifício, cantou o Hallel ou acendeu luz alguma.

Há uma razão para isso. A Lei manda subir a Jerusalém três vezes por ano, na Páscoa, em Pentecostes e nas Tendas (Deuteronômio 16:16), e a Dedicação não é uma delas. Entre as Tendas e a Dedicação há uns dois meses em que João não registra saída de Jerusalém, e por isso J. A. Bengel, comentador luterano do século XVIII, concluiu que Jesus "não subiu a Jerusalém de propósito, por causa desta festa eclesiástica (como fizera pelas festas estabelecidas pela Lei), mas esteve presente nela pelas circunstâncias".[7] É argumento do silêncio. O *Catecismo da Igreja Católica* põe João 10:22–23 entre as "peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas"; a precisão que falta é que a Dedicação não era festa de peregrinação.[8] E o verbo "andava" volta em 11:54, quando Jesus

"já não andava abertamente entre os judeus": a Dedicação é a última vez, em João, em que ele anda livre no Templo.

A pergunta deste fascículo

Duas perguntas, então. Jesus celebrou Hanukkah? E a festa nasceu mesmo do milagre de um frasco de azeite que durou oito dias? Para responder à segunda, é preciso voltar ao mesmo monte, cento e noventa anos antes. Para responder à primeira, é preciso voltar ao pórtico e ouvir o que Jesus disse lá.

---

1. João 10:22–23 no grego do SBL Greek New Testament (SBLGNT). Westcott-Hort e NA28 leem ἐγένετο τότε, "aconteceu então", e ligam a cena ao discurso do pastor; Tregelles e o texto bizantino leem ἐγένετο δέ, e o bizantino tem "e era inverno". Nenhuma variante muda o sentido. Esdras 6:16–17 (ἐγκαίνια; aramaico חֲנֻכַּת בֵּית־אֱלָהָא); Neemias 12:27 (2 Esdras 22:27 na Septuaginta); Números 7:10, 84, 88; 1 Macabeus 4:56, 59; Deuteronômio 20:5 (וְלֹא חֲנָכוֹ). Os textos gregos da Septuaginta foram lidos na edição de Rahlfs, e o hebraico no texto de Leningrado (WLC); todas as traduções deste fascículo são do autor.
2. Hebreus 10:20 (ἐνεκαίνισεν) e 9:18; fascículo *Pompeu no Santo dos Santos* (HAC-S01-001).
3. Fascículo *Nenhum estrangeiro entre* (HAC-S01-003).
4. Josefo, *Antiguidades* 20.219–222, no grego da edição de B. Niese; *Guerra judaica* 5.184–185 e 5.190.
5. Josefo, *Antiguidades* 15.380 ("no décimo oitavo ano do seu reinado"; a *Guerra* 1.401 diz "décimo quinto") e 20.219; os candelabros das Tendas: Mishná, *Sukká* 5:2–3.
6. Agostinho, *Tratados sobre o Evangelho de João* 48.3, na tradução inglesa do NPNF (New Advent); o latim não foi conferido.
7. J. A. Bengel, *Gnomon Novi Testamenti* (1742), sobre João 10:22, na tradução inglesa.
8. *Catecismo da Igreja Católica* 583; o próprio Catecismo, em 593, fala das "festas judaicas de peregrinação".

Capítulo II

O santuário no meio do mato

Três anos antes de dezembro de 164 a.C., em Kislev de 167, o rei selêucida Antíoco IV mandou erguer sobre o altar de Jerusalém o que 1 Macabeus chama de "abominação de desolação", e "no dia vinte e cinco do mês" já se sacrificava "sobre o altar-pagão que estava sobre o altar".[1] A perseguição, o decreto e a revolta têm capítulos próprios; aqui interessa a data. Depois de três anos de guerra, Judas, o Macabeu, e os irmãos venceram os generais do rei e disseram: "subamos para purificar o santuário e consagrá-lo de novo" (4:36). O verbo, *enkainísai*, é da família de *enkaínia*, o nome que João usa. O que eles encontraram lá em cima o livro descreve como quem chega a uma casa abandonada.

1 Macabeus 4:38

καὶ εἶδον τὸ ἁγίασμα ἠρημωμένον καὶ τὸ θυσιαστήριον βεβηλωμένον καὶ τὰς θύρας κατακεκαυμένας καὶ ἐν ταῖς αὐλαῖς φυτὰ πεφυκότα ὡς ἐν δρυμῷ ἢ ὡς ἐν ἑνὶ τῶν ὀρέων καὶ τὰ παστοφόρια καθῃρημένα

"E viram o santuário desolado, e o altar profanado, e as portas queimadas, e nos pátios plantas crescidas como num matagal ou como num dos montes, e as câmaras [dos sacerdotes] demolidas."

Rasgaram as roupas, fizeram "grande lamentação", puseram cinza na cabeça, caíram com o rosto em terra e "tocaram as trombetas dos sinais e clamaram ao céu" (4:39–40). Josefo diz que Judas chorou.[2] Antes da festa houve luto.

Uma fonte de história

Uma palavra sobre os livros, dita uma vez só. 1 e 2 Macabeus fazem parte da Bíblia católica e da ortodoxa, e o Concílio de Trento os pôs na lista dos livros sagrados. As igrejas da Reforma não os recebem como Escritura: os Trinta e Nove Artigos dizem que a Igreja os lê "para exemplo de vida e instrução de costumes", mas não "para estabelecer doutrina alguma".[3] É assim que entram aqui, como fonte histórica de primeira ordem.

1 Macabeus foi escrito por volta de 100 a.C. por um partidário da família de Judas, os hasmoneus. 2 Macabeus se apresenta como o resumo de uma obra de Jasão de Cirene, escrito entre o fim do século II e o século I a.C.[4] Os batistas, que não recebem esses livros como Escritura, nunca deixaram de lê-los como história: John Gill, pastor batista de Londres, ao comentar João 10:22, cita por extenso 1 Macabeus 4 e 2 Macabeus 10.[5] A festa que os protestantes leem num livro que não têm como Escritura aparece dentro do Evangelho de João, que todos têm.

As pedras que esperavam um profeta

Judas mandou homens combater a guarnição da fortaleza da Acra enquanto o santuário era purificado e escolheu "sacerdotes sem defeito, zelosos da Lei", que levaram "as pedras da contaminação para um lugar impuro" (4:41–43). Depois vinha o altar dos holocaustos, o altar de Deus, que os gentios tinham contaminado. "Veio-lhes um bom conselho: derrubá-lo, para que não lhes fosse motivo de opróbrio" (4:45).

1 Macabeus 4:46

καὶ ἀπέθεντο τοὺς λίθους ἐν τῷ ὄρει τοῦ οἴκου ἐν τόπῳ ἐπιτηδείῳ μέχρι τοῦ παραγενηθῆναι προφήτην τοῦ ἀποκριθῆναι περὶ αὐτῶν

"E depositaram as pedras no monte da Casa, num lugar conveniente, até que viesse um profeta para responder a respeito delas."

As pedras ficaram esperando um profeta. No fascículo sobre a dinastia que se destruiu por dentro, ouvimos a mesma espera no decreto que, em 140 a.C., deu a Simão, irmão de Judas, o governo e o sumo sacerdócio: "até que se levante um profeta fiel".[6] A família que limpou o Templo sabia que havia perguntas que só um profeta podia responder. A Mishná, por volta de 200 d.C., ainda lembrava a câmara em que "os filhos de Hasmoneu guardaram as pedras do altar que os reis da Grécia tinham abominado".[7]

Depois "tomaram pedras inteiras, segundo a Lei, e edificaram um altar novo como o anterior" (4:47), pela regra do altar de pedra não lavrada (Êxodo 20:25). Josefo diz o mesmo, um altar "de pedras ajuntadas, não lavradas pelo ferro", e deixa de fora as pedras que esperavam o profeta.[8]



Dentro do Templo, entre grandes colunas, o fogo arde sobre o altar novo enquanto um sacerdote ora diante dele; em primeiro plano, israelitas ajoelhados rezam, um velho lê em voz alta e outros trazem vasos e ofertas. A legenda latina cita 1 Macabeus 4:52. Johannes Wierix, segundo Gerard van Groeningen, O novo altar consagrado, 1572–1576, gravura, Rijksmuseum, Amsterdã, RP-P-OB-102.979 (CC0).

Johannes Wierix, segundo Gerard van Groeningen, O novo altar consagrado, 1572–1576, gravura, Rijksmuseum, Amsterdã, RP-P-OB-102.979 (CC0)

---

1. 1 Macabeus 1:54 e 1:59 (βδέλυγμα ἐρημώσεως); o ano 145 da era selêucida, dezembro de 167 a.C.
2. Josefo, *Antiguidades* 12.316–317.
3. Concílio de Trento, sessão IV (1546); *Catecismo da Igreja Católica* 120 e 138; Trinta e Nove Artigos (1571), artigo 6; Confissão de Westminster (1647) 1.3; Confissão Batista de 1689, 1.3.
4. 2 Macabeus 2:23. A data de 1 Macabeus se deduz de 16:24, que remete ao governo de João Hircano.
5. John Gill, *Exposition of the Gospel of John* (1746–1748), sobre João 10:22.
6. 1 Macabeus 14:41; fascículo *Dos Macabeus a Pompeu* (HAC-S02-009).
7. Mishná, *Middot* 1:6 (גָּזְזוּ בְנֵי חַשְׁמוֹנַאי אֶת אַבְנֵי הַמִּזְבֵּחַ שֶׁשִּׁקְּצוּם מַלְכֵי יָוָן), no texto da Sefaria. O lugar exato é incerto.

8. Josefo, *Antiguidades* 12.318.

Capítulo III

O candelabro novo e os oito dias

Com o altar novo de pé, os homens de Judas refizeram o resto do santuário. O que eles acenderam é a primeira coisa a conferir quando se pergunta pelo azeite.

1 Macabeus 4:49–50

καὶ ἐποίησαν σκεύη ἅγια καινὰ καὶ εἰσήνεγκαν τὴν λυχνίαν καὶ τὸ θυσιαστήριον τῶν θυμιαμάτων καὶ τὴν τράπεζαν εἰς τὸν ναόν καὶ ἐθυμίασαν ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον καὶ ἐξῆψαν τοὺς λύχνους τοὺς ἐπὶ τῆς λυχνίας καὶ ἔφαινον ἐν τῷ ναῷ

"E fizeram utensílios santos novos, e levaram o candelabro, o altar dos incensos e a mesa para dentro do santuário. E queimaram incenso sobre o altar, e acenderam as lâmpadas que estavam sobre o candelabro, e elas brilhavam no santuário."

O texto diz que as lâmpadas foram acesas e "brilhavam", *éphainon*. Não diz que faltou azeite, não fala de frasco selado, não conta de lâmpadas que duraram mais do que deviam. As lâmpadas são um item numa lista, entre o incenso e os pães (4:51), e o candelabro é novo. Josefo acrescenta que os utensílios novos, "candelabro, mesa, altar", eram "feitos de ouro", e que "acenderam luzes sobre o candelabro".[1] Acender o candelabro era parte do serviço diário do santuário (Êxodo 27:20–21), e não um rito próprio da festa.



Três lamparinas de barro para azeite: duas do período helenístico, uma delas decorada em raios, e uma herodiana, maior, de disco liso e bico em espátula. São do tipo usado na Judeia na época dos Macabeus e na de Jesus. Michael C. Carlos Museum, Atlanta; foto de Gary Lee Todd, 2009 (CC0).

Lamparinas helenísticas e herodiana, Michael C. Carlos Museum, Atlanta; foto de Gary Lee Todd, 2009 (CC0)

O mesmo dia, três anos depois

1 Macabeus 4:52 e 4:54

καὶ ὤρθρισαν τὸ πρωὶ τῇ πέμπτῃ καὶ εἰκάδι τοῦ μηνὸς τοῦ ἐνάτου [...] κατὰ τὸν καιρὸν καὶ κατὰ τὴν ἡμέραν ἐν ᾗ ἐβεβήλωσαν αὐτὸ τὰ ἔθνη ἐν ἐκείνῃ ἐνεκαινίσθη ἐν ᾠδαῖς καὶ κιθάραις καὶ κινύραις καὶ κυμβάλοις

"E madrugaram de manhã, no dia vinte e cinco do nono mês [...]. No mesmo tempo e no mesmo dia em que os gentios o tinham profanado, naquele [dia] foi dedicado de novo, com cânticos, cítaras, liras e címbalos."

O nono mês é Kislev, do ano 148. O livro faz questão da simetria: o 25 de Kislev do primeiro sacrifício pagão é o 25 de Kislev do altar novo.

Como se chega a dezembro de 164 a.C.

1 Macabeus conta os anos pela era dos selêucidas e, nos fatos judaicos, começa o ano 1 na primavera de 311 a.C. O ano 148 começa na primavera de 164, e Kislev cai em novembro ou dezembro desse ano; a profanação, em Kislev de 145, cai em dezembro de 167. Josefo concorda, pelas olimpíadas. Pela contagem macedônica, Kislev de 148 seria dezembro de 165, e alguns autores dão essa data.

Em números

3 anos *entre a profanação do altar (Kislev de 167 a.C.) e a dedicação do altar novo (Kislev de 164 a.C.), segundo 1 Macabeus e Josefo; 2 Macabeus 10:3 diz "depois de dois anos"*

Por volta do mesmo mês, segundo uma lista real babilônica, Antíoco IV morria longe, no oriente do império; qual notícia chegou primeiro, a da morte ou a da purificação, os dois livros dos Macabeus contam de modo diferente.[2]

Os oito dias e o decreto

1 Macabeus 4:59

καὶ ἔστησεν Ιουδας καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ καὶ πᾶσα ἡ ἐκκλησία Ισραηλ ἵνα ἄγωνται αἱ ἡμέραι τοῦ ἐγκαινισμοῦ τοῦ θυσιαστηρίου ἐν τοῖς καιροῖς αὐτῶν ἐνιαυτὸν κατ᾽ ἐνιαυτὸν ἡμέρας ὀκτὼ ἀπὸ τῆς πέμπτης καὶ εἰκάδος τοῦ μηνὸς Χασελευ μετ᾽ εὐφροσύνης καὶ χαρᾶς

"E Judas, os seus irmãos e toda a assembleia de Israel estabeleceram que os dias da dedicação do altar fossem celebrados no seu tempo, ano após ano, por oito dias, a partir do dia vinte e cinco do mês de Kislev, com alegria e júbilo."

Os oito dias foram de holocaustos "com alegria" e de "sacrifício de salvação e de louvor" (4:56); enfeitaram a fachada do santuário "com coroas de ouro e escudinhos", "e foi afastado o opróbrio das nações" (4:57–58). O decreto é imediato e anual, feito pela assembleia inteira com Judas. Nenhum milagre é narrado.

O nome que o livro dá à festa, "a dedicação do altar", *ho enkainismòs tou thysiastēríou*, é palavra por palavra o *hanukkat ha-mizbeah* de Números 7:10 e de 2 Crônicas 7:9, a dedicação do altar nos dias de Moisés e nos de Salomão. Daí vem o nome hebraico da festa, e daí a leitura que a Mishná manda fazer nela: "Em Hanukkah, [lê-se a seção] dos príncipes", isto é, Números 7, numa leitura pública como a que o fascículo sobre a sinagoga de Nazaré descreveu.[3]

À maneira das Tendas

2 Macabeus conta a mesma purificação e chama a festa de "purificação", *katharismós*. E dá a explicação mais antiga que existe para os oito dias.

2 Macabeus 10:6

καὶ μετ᾽ εὐφροσύνης ἦγον ἡμέρας ὀκτὼ σκηνωμάτων τρόπον μνημονεύοντες ὡς πρὸ μικροῦ χρόνου τὴν τῶν σκηνῶν ἑορτὴν ἐν τοῖς ὄρεσιν καὶ ἐν τοῖς σπηλαίοις θηρίων τρόπον ἦσαν νεμόμενοι

"E com alegria celebraram oito dias à maneira das Tendas, lembrando que pouco tempo antes, na festa das Tendas, eles estavam vivendo nos montes e nas cavernas à maneira de feras."

Era uma festa das Tendas atrasada. As Tendas duram sete dias e mais um oitavo (Levítico 23:34–36), e quem tinha passado a festa do outono escondido nas cavernas a celebrava agora, no inverno, no Templo limpo, "levando tirsos, ramos formosos e também palmas" (10:7). O tirso era a vara enfeitada do culto de Dioniso, e o mesmo livro conta que, na perseguição, os judeus tinham sido obrigados a desfilar em honra de Dioniso (6:7). Os ramos voltavam às mãos deles, agora para o Deus de Israel.[4]

O fascículo sobre Esdras mostrou o povo de pé na praça de Jerusalém, ouvindo a leitura da Lei. No mesmo capítulo de Neemias, "acharam escrito na Lei" que deviam morar em tendas na festa do sétimo mês, e "desde os dias de Josué, filho de Num, até aquele dia, os filhos de Israel não tinham feito assim" (Neemias 8:14–17). Quase três séculos depois, os homens de Judas celebraram as suas Tendas no mês errado. Os oito dias têm ainda outro modelo: a dedicação de Salomão, com a assembleia solene "no oitavo dia" (2 Crônicas 7:9), que 2 Macabeus chama de "os oito dias" de Salomão (2:12).[5]

---

1. 1 Macabeus 4:49–51; Josefo, *Antiguidades* 12.318–319 (ἤψάν τε φῶτα ἐπὶ τῆς λυχνίας).

2. Lista real babilônica do período helenístico (BM 35603), na tradução da edição de A. J. Sachs e D. J. Wiseman; 1 Macabeus 6:5–16; 2 Macabeus 9 e 10. Uma carta de Antíoco IV em 2 Macabeus 11:27–33 vem datada da primavera de 164.

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-005

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Uma festa no inverno*. O fascículo inteiro tem 56 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender